



www.guerraepaz.pt

@guerraepaz

f guerraepaz

Título original: *Sermon on the Mount*

Título: *Sermão da Montanha Segundo o Evangelho de Mateus
seguido de Sermão da Planície Segundo o Evangelho de Lucas*

Organização: Manuel S. Fonseca

© Guerra e Paz, Editores, Lda., 2026

Reservados todos os direitos

Editor: Manuel S. Fonseca

Acompanhamento editorial: Maria José Batista

Tradução: Manuel S. Fonseca

Revisão: André Morgado

Direcção de arte, *design* de capa e paginação: Ilídio J.B. Vasco

ISBN: 978-989-576-341-2

Depósito legal: 555925/25

1.ª edição: Janeiro de 2026

Impresso pela Publito em Braga



GUERRA & PAZ

Av. António Augusto de Aguiar, 21, 4.º eq. · 1050-012 Lisboa

Tel.: 213 144 488 · guerraepaz@guerraepaz.pt

Esta obra foi composta em Adobe Caslon
e impressa sobre papel Holmen 80 g 1.8

SERMÃO DA MONTANHA

Segundo o Evangelho de Mateus

SERMÃO DA PLANÍCIE

Segundo o Evangelho de Lucas

Apresentação e versão de

Manuel S. Fonseca,

a partir da *King James Bible*

NÃO-FICÇÃO · FILOSOFIA

ÍNDICE

- 9** De onde veio este homem que caminha e fala
Manuel S. Fonseca
- 33** Sermão da Montanha Segundo o Evangelho de Mateus
- 35** Jesus no deserto segundo o Evangelho de Mateus
- 39** Sermão da Montanha segundo o Evangelho de Mateus
- 55** Sermão da Planície Segundo o Evangelho de Lucas
- 67** Sermão da Montanha segundo o Evangelho de Mateus
- 85** Sermão da Planície segundo o Evangelho de Lucas

DE ONDE VEIO ESTE HOMEM QUE CAMINHA E FALA

Manuel S. Fonseca

De onde veio este homem que agora caminha junto ao mar da Galileia, este homem pelo qual os pescadores largam as redes e abandonam as embarcações rudes e humildes? De onde veio este homem cuja fama se espalhou por toda a região, chegando já à Síria, atraindo multidões vindas da Judeia e além do Jordão? Ainda há pouco, este homem era a sombra que vagueava pelo deserto. Jejuou por 40 dias e 40 noites. Delirou, por certo, e nessas alucinações visitaram-no demónios e

arrebatarem-no anjos. E agora caminha como quem pisa as sombras da morte para que se abra um túnel de luz.

Deixemo-nos levar por essa caminhada de há dois mil anos, até uma colina, entre Cafarnaum e Tabgha, na margem norte do lago Tiberíades. É a essa colina que sobe este homem de 30 anos. Uma colina e, paradoxo, afinal um dos picos mais baixos do mundo.

Veio do deserto, caminhou junto ao mar e quer falar à «grande multidão de povo» que o segue. Senta-se, «chegando-se para cerca de si os discípulos». Terá palavras novas para dizer?

Numa retórica elegante, de irrepreensível simetria, primeiro o homem de 30 anos espanta a multidão com as beatitudes, as bem-aventuranças; a seguir exalta a mesma multidão com duas novíssimas metáforas: chama aos que o ouvem «sal da terra» e «luz do mundo»; por fim, confronta a multidão sentada e silenciosa com uma sucessão de antíteses, lembrando a Lei que todos conhecem – «Ouvistes que foi dito» –, ousando por seis vezes contrapor ao «Ouvistes que foi dito» um individualíssimo e subjectivíssimo «Eu, porém, vos digo».

Eu. A multidão acaba de ouvir o que, na boca do que parece ser um profeta, é uma palavra nova. É um «eu» que nunca tinha sido dito desta maneira: é um «eu» legislativo, é um «eu» que muda o horizonte divino.

Diálogo pejado de adversativas a cada evocação da Lei, o **Sermão da Montanha** é um triunfo exuberante do «eu» que o pronuncia. Jesus Cristo, o homem de 30 anos, reescreve e reinterpreta a Lei. Será que a nega? Com o seu insistente e sonoro «Eu, porém, vos digo», o homem de 30 anos, sentado numa colina de altura negativa, 210 metros abaixo do nível do mar, fere o mundo que o precede para inaugurar o que ele parece desejar que seja o reino radical de uma compaixão incondicional, um mundo de Amor, um mundo de *Ágape*.

É inútil esconder um deslumbramento – também um tremor? – que dura há séculos: o **Sermão da Montanha** é um cântico de utopia. Porventura irrealizável. Talvez seja mesmo essa radical impossibilidade que converte o **Sermão** no manifesto sublime que é. Lê-se como um texto – dos mais escandalosamente doces – da História da literatura. Emana dele uma abundante e irrecusável repercussão filosófica, comparável à que, desse improvável Homero, a **Ilíada** nos oferece, comparável também à que, do mais certo Hesíodo, os versos da **Teogonia**, de Caos a Eros, nos revelam da mítica origem do mundo. Começa aqui, neste atónito encontro de um homem e de uma multidão, qualquer coisa de novo, uma reinvenção do mundo? Sim, começa.

Nesta introdução, e fica registada a carta de intenções, é nessa qualidade, de texto literário, e enquanto marco inaugural de uma mundividência universal com eco na história e na filosofia, que se apresenta ao leitor o **Sermão da Montanha**. Sem, portanto, qualquer filiação devocional. Muito embora não se ignore, nem isso seria possível, que este é um texto fundador do cristianismo e de todas as variantes que dele emergiram, as religiões católica, protestante ou ortodoxa.

O **Sermão da Montanha** foi, naquele dia em que foi pronunciado, e no que depois os textos de Mateus e de Lucas dele se fizeram registo, uma sonora, radical e hiperbólica afirmação do Amor. E é bom que comecemos por aqui. A sua retórica impele os ouvintes a transfigurarem-se eles mesmos, pessoal e incondicionalmente, numa oferenda: a partir deste **Sermão** tudo o que teriam a dar ao mundo, e aos outros, era dar-se a si mesmos, como porventura só tenha também acontecido – a Ocidente – aos ouvintes do discurso de Sócrates, que Platão nos legou na sua **Apologia**.

Este **Sermão** é, também, um ousado mergulho no mais fundo do ser humano, instando quem o ouvia ao que era, então, a surpresa de descobrir dentro de si, na sua consciência, um caos de raiva e bondade, concupiscência

e castidade, falsidade e mentira, esses acesos vulcões que será preciso atravessar se se aspira à perfeição como ideal.

Mateus e Lucas: as origens do Sermão

O que quer que Jesus tenha dito dessa colina de onde os olhos alcançam Cafarnaum, só o sabemos pelo relato que nos legaram dois homens, Mateus e Lucas, nenhum deles presente nesse acontecimento histórico. Os seus relatos têm semelhanças – as mesmas bem-aventuranças, a mesma forma de resgatar do opróbrio, com que eram desdenhadas há dois mil anos, a «humildade» e «mansidão», passando a considerá-las virtudes, porventura as mais nobres das virtudes.

E esses dois sermões têm também diferenças, a começar pela sua designação, **Sermão da Montanha**, em Mateus, **Sermão da Planície**, em Lucas, mesmo que, por certo, ambos estejam a referir-se ao mesmo lugar, já que à frente da colina de que fala Mateus se desenha a planície a que alude Lucas.

Espanta, e tem sido matéria de abundante investigação académica, a flagrante coincidência das palavras de Jesus nas duas narrativas – as mesmas palavras –, apesar de escritas por autores diferentes, em desconhecimento

um do outro. O **Evangelho de Mateus** terá sido redigido cerca de 70-90 d. C., o **Evangelho de Lucas** entre 80 e 100 d. C.

Ambos os textos integram, na **Bíblia** cristã, o **Novo Testamento**, de que fazem parte também outros dois evangelhos, o de Marcos e o de João. A tradição cristã atribuía ao **Evangelho de Marcos** a primazia, considerando-o fonte dos restantes três. Ora, não havendo em Marcos nenhum relato do **Sermão da Montanha**, um alemão, Heinrich Julius Holtzmann, sustentou a possibilidade de existência de uma fonte, a que chamou Q (de *Quelle*, que em alemão significa «fonte»), na qual se tivesse conservado o Sermão de Jesus, tendo essa Fonte Q fornecido a Mateus e a Lucas o manancial de discurso directo de que ambos fazem prova.

A hipótese era razoável. Difícil era encontrar documentos que dessem substância à especulação. Em 1945, em Nag Hammadi, no Alto Egipto, foi descoberto um texto copta, o **Evangelho Coptico de Tomé**, cujo conteúdo era apenas a transcrição da pregação de Jesus – 114 frases ditas por Jesus, sem nenhuma contextualização narrativa. Mesmo que, como alguns académicos sustentam, esse Evangelho apócrifo tenha surgido depois dos evangelhos de Mateus e Lucas, o padrão – uma recolha de frases doutrinárias – indiciava a existência de outros

possíveis registos datando da origem do cristianismo, de que fala Daniel Marguerat em **Vida e Destino de Jesus de Nazaré**, revelando que as pequenas comunidades cristãs sírio-palestinas, logo após a morte de Jesus, eram visitadas e doutrinadas por discípulos e seus acólitos que deixavam aos novos fiéis transcrições das prédicas do profeta galileu.

Três especialistas, o norte-americano James Robinson, o alemão Paul Hoffmann e o canadiano John Kloppenborg, reconstituíram, com base em análise textual e crítica comparativa, isolando o que é comum a Mateus e Lucas e de que não há qualquer traço em Marcos, 214 versículos ou fragmentos de versículos crísticos, que reputam como autênticos, a que juntaram 95 versículos mais incertos – ou seja, deram corpo, por este processo de reconstituição analítica e comparativa, a essa pretensa Fonte Q, tudo editado em **The Critical Edition of Q**, obra publicada em 2000. Aqueles versículos correspondem a praticamente um terço do **Evangelho de Mateus**.

Uma outra dúvida atormentou, entretanto, os historiadores: quem seria Mateus? E terá Mateus escrito de facto o Evangelho que leva o seu nome? A tradição cristã considera que Mateus foi um dos 12 discípulos de Jesus (em boa verdade, eram muitos mais, não só homens, mas

também mulheres, provavelmente algumas centenas). No **Evangelho de Mateus** lê-se que Jesus «*viu um homem chamado Mateus sentado no posto de cobrança de impostos e disse-lhe: Segue-me. E ele, levantando-se, seguiu-o*». Do mesmo modo, nos outros textos evangélicos, quer em Marcos quer em Lucas, Mateus é identificado como Levi, o cobrador de impostos, que segue, também, sem hesitar a chamada de Jesus.

Peculiar é ser o Evangelho deste cobrador de impostos narrado na terceira pessoa, e incluir as referências ao próprio Mateus. Hoje, o estado da arte dos estudos evangélicos considera que o **Evangelho de Mateus** terá sido escrito por um cristão judeu, falante de grego, usando como fontes o **Evangelho de Marcos** e outros documentos escritos, esses a que por conveniência chamamos «Fonte Q», mas impregnando o seu texto de um profundo conhecimento da cultura judaica e dos seus textos sagrados. Ou seja, sob a capa do nome do discípulo, foi outro o autor desconhecido deste Evangelho. E era um autor bem posterior à vida histórica de Cristo, que esteve longe de testemunhar pessoalmente a sua pregação.

E Lucas? Quem era Lucas? Seria talvez um companheiro de Paulo de Tarso a quem, além do Evangelho que leva o seu nome, é atribuída a autoria dos **Actos dos Apóstolos**. Mas esse Lucas poderá também não ser o